



## ORIENTE MÉDIO

# Israel aproveita vácuo de poder e ataca a Síria

Aviões e navios israelenses bombardeiam 350 alvos e destroem 80% da capacidade militar criada por Bashar Al-Assad. Ofensiva teria o objetivo de impedir o uso do arsenal pelos rebeldes. ONU condena violação de integridade territorial

» RODRIGO CRAVEIRO

Delil Souleiman/AFP



Garoto carrega uma granada lançada por foguete (RPG) depois de ataque aéreo israelense, na região curda de Qamishli, no nordeste da Síria

Omar Haj Kadour/AFP



Centro de pesquisas de Barzeh, ligado ao Ministério da Defesa: ruínas

Jalaa Marey/AFP



Jipe militar de Israel retorna da zona de contenção, nas Colinas do Golã

Enquanto os rebeldes sírios se preparavam para nomear o novo chefe de governo (leia na página 12), horas depois, Israel lançava uma campanha militar histórica contra Damasco. A Operação “Seta de Bashan” (em referência ao nome bíblico da atual Síria), conduzida pela Força Aérea e pela Marinha israelense, destruiu 80% da força bélica do regime deposto de Bashar Al-Assad. Desde domingo, houve quase 350 ataques aéreos a instalações de defesa da Síria e à maior parte dos armazéns de armas estratégicas, inclusive munições químicas.

Quinze navios da frota de Bashar Al-Assad, nos portos mediterrâneos de Al-Bayda e Latakia, também foram destruídos. Além deles, os alvos incluíram baterias antiaéreas; pistas de pouso usadas pela Força Aérea; fábricas de armas em Damasco, Tartus, Palmira, Latakia e Homs; caças; helicópteros; tanques de guerra; mísseis e radares.

Na madrugada de ontem, jornalistas da agência France-Press relataram fortes explosões em Damasco. O Centro de Pesquisa Científica de Barzeh, ligado ao Ministério da Defesa sírio e situado no norte da capital, foi gravemente impactado pelos bombardeios israelenses. De acordo com o governo dos Estados Unidos, o complexo era utilizado pelo programa de armas químicas de Al-Assad.

A Organização das Nações Unidas (ONU) condenou “qualquer violação da integridade territorial da Síria”. “Somos contra esses ataques. Acho que esse é um ponto de virada para a Síria. Isso não deveria ser usado pelos vizinhos para se apossarem do território sírio”, advertiu Stéphane Dujarric, porta-voz do secretário-geral António Guterres.

### Mensagem

Depois dos bombardeios, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, gravou uma mensagem em vídeo dirigida ao novo regime sírio. Ele disse que seu país deseja estabelecer relações com Damasco, mas ameaçou novas ações militares. “Se esse regime permitir o Irã a se reestabelecer na Síria ou a transferência de armas iranianas ou de quaisquer armamentos para o Hezbollah, ou nos atacar, nós responderemos energicamente,

e haverá um preço alto”, advertiu Netanyahu. Sem meias palavras, ele avisou: “O que ocorreu ao regime anterior também acontecerá a este regime”.

Em outra manobra considerada polêmica, as Forças de Defesa de Israel (IDF) entraram na zona desmilitarizada ao redor das Colinas do Golã — território sírio ocupado e anexado desde 1967. A ONU classificou a incursão de “violação” do acordo de retirada

de 1974 entre Israel e Síria. A denúncia partiu dos governos de Arábia Saudita, Jordânia e Irã.

Professor do Departamento de Estudos da Guerra do King's College London, Ahron Bregman avalia que existe uma razão óbvia pela qual Israel eliminou o velho Exército sírio. “Os israelenses não querem que o regime pós-Bashar Al-Assad utilize arsenal do antigo regime para atacá-los. O outro motivo é mais interessante. Israel

prefere ver uma Síria dividida. Se o novo governo pudesse colocar as mãos nas armas de Al-Assad, teria mais chances de derrotar outras facções sírias, incluindo os curdos. Com esse arsenal eliminado, seria difícil para o novo regime destruir outros grupos. Assim, a Síria continuaria dominada por várias facções e representaria uma ameaça menor a Israel”, explicou ao **Correio**.

Bregman lembrou que, depois

da Guerra do Yom Kippur (1973), entre Israel e uma coalizão de países árabes liderada pela Síria e pelo Egito, uma zona desmilitarizada foi criada nas Colinas do Golã para separar os territórios sírio e israelense. Apenas a ONU recebeu a autorização de entrar na área e monitorar a segurança. “Nos últimos dias, Israel invadiu a zona desmilitarizada e transformou-a em uma zona de contenção, a qual passou a controlar.

### Eu acho...

Wikipedia



“Israel invadiu a Síria, em uma manobra ilegal, de acordo com a Carta das Nações Unidas e o direito internacional. A resposta da comunidade internacional tem sido relativamente muda. Por quê? Porque o mundo não sabe como ‘engolir’ o novo regime sírio, formado por antigos integrantes da rede terrorista Al-Qaeda. Agora, seus membros começam a enfiar pessoas nas ruas de Damasco.”

**Ahron Bregman**, professor do Departamento de Estudos da Guerra do King's College London

Arquivo pessoal



“Alguns especialistas têm especulado que a destruição do equipamento militar russo desfasado de Al-Assad pavimentaria o caminho para a reconstrução de um novo Exército sírio abastecido com armas ocidentais. Isso inclui arsenal de fabricação israelense e norte-americana. Tal cenário dependeria de o novo regime de Damasco provar ser verdadeiramente moderado e se abrir à paz com os vizinhos, incluindo Israel.”

**Habib C. Malik**, professor de história aposentado da Universidade Libanesa Americana (em Beirute)

Os israelenses não construíram bunkers ali porque não querem assustar o mundo. Mas a permanência deles será longa. Semanas? Meses? Anos?”, questionou.

Para Habib C. Malik, professor de história aposentado da Universidade Libanesa Americana (em Beirute), Israel age de forma previsível, ao tomar medidas preventivas a fim de se proteger de qualquer confusão ou caos na Síria. Ele cita, como exemplos, ataques planejados pelos islamitas apoiados pela Turquia e o acesso ao arsenal dos enfraquecidos alaúitas.

O libanês disse ter certeza de que as incursões de Israel ao território sírio não são permanentes, mas de natureza preventiva e cautelosa. “São passos sábios, ante uma situação de incerteza, que segue em evolução. Uma coisa parece certa: Israel não permitirá que armamentos ou outro apoio iraniano cheguem ao Hezbollah, no Líbano, nem diretamente, nem através da Síria”, observou Malik.

# Netanyahu depõe em julgamento por corrupção

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, rejeitou as acusações de corrupção pelas quais responde, durante o primeiro processo criminal contra um chefe de governo em exercício do país. Por repetidas vezes, o premiê tentou adiar o depoimento à Corte Distrital de Tel Aviv, em um caso que envolve denúncias de suborno, fraude e abuso de confiança pública em três casos distintos.

Ao ser questionado sobre o quanto as acusações o incomodam, Netanyahu respondeu: “Se eu disser que é como uma gota

no mar, seria um exagero. Estou ocupado com assuntos de importância mundial”. O premiê admitiu, na segunda-feira, que esperava há anos pelo julgamento, “para demolir por completo as absurdas e infundadas acusações” contra ele.

Apoiadores e críticos do primeiro-ministro se concentraram em frente ao tribunal. “Netanyahu, o povo o apoia”, gritaram alguns. Outros, por sua vez, entoavam “Bibi na prisão”, em referência ao seu apelido.

O julgamento começou em maio de 2020, mas foi interrompido pela guerra em Gaza, que

Menahem Kahana/AFP



O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu na Corte Distrital de Tel Aviv

começou depois do ataque do grupo terrorista palestino Hamas, em 7 de outubro de 2023. Por motivos de segurança, o julgamento foi transferido de Jerusalém para Tel Aviv.

O primeiro-ministro chegou a apresentar vários pedidos de adiamento do processo devido às guerras em Gaza e no Líbano. No primeiro dos casos julgados pelo tribunal, ele e a esposa, Sara, são acusados de aceitarem mais de US\$ 260 mil (R\$ 1,57 milhão na cotação atual) em artigos de luxo, como cigarros, joias e champanhe, de bilionários em troca de favores.

As outras duas envolvem suas postas tentativas de Netanyahu de negociar uma cobertura mais favorável em dois meios de comunicação israelenses em troca de enfraquecer a concorrência e beneficiar uma operação comercial do proprietário do grupo, respectivamente. Desde seu retorno ao poder, no fim de 2022, a coalizão de governo de Netanyahu entrou em conflito com a Justiça e as forças de segurança, o que provocou grandes manifestações quando o primeiro-ministro tentou aprovar novas leis que enfraqueceriam os tribunais.

Leia mais na página 12